

4. Desafios do futebol LGBTQIAPN+

PRECONCEITO E INEXPERIÊNCIA

Flávio Amaral e Victor Bueno (2018) analisam as reportagens que foram feitas sobre o BeesCats, primeiro time LGBTQIAPN+ do Rio de Janeiro, após a sua formação, em 2017. Eles afirmam que o foco das matérias “era sempre a representatividade, com destaque para a retomada da paixão pelo futebol e na superação de traumas adquiridos na infância e adolescência, quando os atletas se sentiam excluídos do esporte devido a atitudes preconceituosas” (*ibidem*, p. 259). Os autores também destacam que muitos dos participantes do BeesCats conseguiram aceitar melhor suas sexualidades depois do ambiente de inclusão proporcionado pelo time.

Como a cobertura midiática sobre o BeesCats indica, muitas pessoas chegam aos times LGBTQIAPN+ sem experiência com o futebol. Por isso, acabava sendo necessário também um processo de inclusão em relação a quem ainda não tinha habilidade com o esporte. O Bharbixas é um time que se preocupava muito com essa bandeira. Pedro (Bharbixas, 2018) me falou sobre o cenário no qual essa demanda se colocava: “era um espaço que a gente queria ocupar, um espaço que nos era negado. A quantidade de homens gays interessados em jogar futebol surpreendeu todo mundo. A quantidade de homens que nunca tinham jogado, que foram jogar com a gente pela primeira vez”.

Ângelo (ManoTauros, 2018) reconhecia a importância do trabalho feito pelo Bharbixas inserindo no esporte pessoas que ainda não haviam tido oportunidade de desenvolver suas habilidades: “‘ah, o menino não sabe jogar bola...’ Mas ele não teve oportunidades, ‘então vem cá! Vem aqui na pelada! Vamo incluir!’ Tem todo esse movimento”. Mas ele deixou claro que, naquele momento, não funcionava assim no ManoTauros: “uma restrição [para entrar no ManoTauros] é que ele jogue futebol. ‘Ah, eu não sei jogar’. Aí, os meninos já fala: ‘ah, aqui não é escolinha’”.

Roberto (Bharbixas, 2018) defendia que o futebol precisa ser inclusivo não só em relação a gênero e sexualidade, mas também em relação a pessoas com diferentes graus de experiência e habilidade.

A questão não é só a homofobia, não é só a questão do gay, é muito mais, é incluir todo mundo que quer jogar futebol. “Ah, eu não vou porque eu nunca joguei. Eu sou ruim.” Não tem essa de “eu sou ruim”. Então, acho que é importante as pessoas saberem disso porque eu não jogava futebol, às vezes, eu tinha parado de jogar, não era só porque falavam “chuta igual homem”, ou “vira homem”, ou “entra igual homem”, “cê entrou igual mulher” também, que a gente ouve isso a vida inteira. Mas não é só isso, o fato de eu não ser forte tecnicamente, que eu nunca fui, me inibia. Eu não gostava de jogar, eu tinha medo, eu não tinha confiança. Agora não, eu quero jogar. Eu tenho a confiança que eu precisava. Só o fato de você ter uma confiança, você joga diferente, você fica mais leve. Nem todo mundo é igual a você, nem todo mundo é bom

igual você, que vai chutar certinho, que vai tocar certo. Errou um passe: “vai, cê vai acertar o próximo!” Então, eu acho isso muito importante, e que o futebol seja inclusivo em todas as formas. Ele não seja só pra homens hétero cis forte tecnicamente. Que o futebol seja inclusivo em todas as formas. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Quando acompanhei um treino do Bharbixas, um primo de Roberto (Bharbixas, 2018) estava indo participar pela primeira vez. Ele estava inseguro porque não jogava futebol. No entanto, durante todo o jogo, foi tratado muito bem pelos demais jogadores. Também no dia em que eu participei de uma pelada do time, apesar de errar muitas jogadas, ninguém me constrangeu por isso. Pelo contrário, tentaram me dar passes e me incluir nas partidas. Além disso, nas alternâncias de times, as pessoas me incentivaram a jogar mais. Apesar da proposta inclusiva do Bharbixas, Daniel (ex-Bharbixas, 2023) relatou que esse não era um consenso dentro do time. Na verdade, teria sempre havido uma tensão em torno desse tema que gerava conflitos internos no Bharbixas: “sempre houve aquela questão de *inclusão versus competitividade*. O que é a inclusão? O que é competitividade? Isso foi sempre uma temática muito forte no Bharbixas, e sempre foi uma coisa que... [risos] que deu muitos problemas internos”. De fato, tanto a criação do ManoTauros quanto a do Inconfidentes Pride, duas cisões do Bharbixas, estiveram ligadas a isso. A do ManoTauros diretamente, já que essa foi a causa oficial da separação do time. No caso do Inconfidentes Pride, apesar de a razão oficial ter sido a proibição de treinos durante a pandemia, essa ques-

tão também já era um atrito entre as pessoas que jogavam de forma recreativa e as que jogavam de forma competitiva.

No entanto, Ângelo (ManoTauros, 2018) explicou que, nas pelas abertas do ManoTauros, todas as pessoas eram bem-vindas, mesmo não sendo habilidosas. Porém, nos jogos não. Para ele, a tendência dos times em geral era selecionar apenas os melhores para participar oficialmente das equipes. Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) evidenciou isso ao falar sobre como esse aspecto funcionava no Inconfidentes Pride, que era seu atual time.

Temos desde jogadores já experientes que sabem jogar bola desde sempre, como também quem entrou e não sabia chutar uma bola. Hoje, todos têm um carinho muito grande com o time por esse fato de ser acolhedor. Não excluimos ninguém. Se tem vontade de aprender a jogar e força de vontade, estamos lá para poder ajudar. É claro que, de início, em jogos de torneios, pode ser que aqueles que ainda não dominam joguem menos. Mas é por questão de cada jogo. Campeonatos LGBTQIA+ são em dois dias apenas, então, são muitos jogos, e o nível de times também muito alto. Então, *o objetivo é ser campeão sempre*, então, colocaremos o que de melhor estiver naquele momento. (Eduardo, ex-ManoTauros, 2023)

Ângelo (ManoTauros, 2018) relatou, inclusive, que alguns times costumavam convidar bons jogadores de outros clubes para jogar no lugar de seus próprios jogadores, tudo para ter mais chances de ganharem. Ele e Eduardo já teriam recebido esse tipo de convite.

Nessa luta por competitividade, Ângelo (ManoTauros, 2018) contou que um time de outro estado já teria, inclusive, pagado para que ele fosse jogar uma partida com a equipe: “é caro ir ao Rio Grande do Sul pra isso. Eu falei: ‘como esses caras conseguem dinheiro pra poder pagar pra eu ir lá no Rio Grande do Sul jogar pra eles?’ Se a gente não tem dinheiro pra ajudar os menino no vale-transporte? Não sei de onde vem esse dinheiro”. Segundo Ângelo (ManoTauros, 2018), o fato de o Bharbixas, que não era o time favorito, ter ganhado o 1º Champions LiGay, incomodou outros times que eram considerados favoritos. Depois disso, eles teriam passado a se preocupar muito com o reforço das equipes: “falei: ‘gente, daqui a pouco cês tão pegando os hétero, fazendo eles beijar à força pra levar pro time docês’”. Segundo Ângelo (ManoTauros, 2018), havia acusações e desconfianças da presença de jogadores hétero nos times, para aumentar a competitividade. Já teria sido criticada e denunciada a suposta presença de homens que fazem sexo com homens, mas se consideram heterossexuais (HSH), tais como garotos de programa. Quando conversei com Ângelo (ex-ManoTauros, 2023), seis anos depois, ele me disse que o nível das competições tinha aumentado muito. Tanto que já havia equipes contando com atletas profissionais do futebol *society*.

Cê tem um time, tipo do Bulls, que é formado praticamente por profissionais, por jogadores profissionais. Gays assumidos, né, porque, pra jogar a LiGay, tem que ser assumido, praticamente. Não o futebol de campo, mas, igualzinho um cara do time lá, ele é profissional do futebol *society*. Jogou lá no time do Londrina. Então, tipo assim, começou a ficar muito competitivo. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Por isso, Ângelo (ManoTauros, 2018) acreditava que a inclusão de pessoas que nunca tiveram acesso ao futebol nos times LGBTQIAPN+ deixaria de acontecer no momento em que os times tivessem mais jogadores com um bom desempenho. Nesse momento, para ele, não iria mais haver espaço para pessoas que estão só começando a jogar: “à medida que esses jogadores forem aparecendo, o futebol gay vai replicar todo o preconceito que existe, que é: você é bom, você joga; você é ruim, você cai fora”. Para Ângelo (ex-ManoTauros, 2023), isso tem feito com que apenas os times mais voltados apenas para o futebol permaneçam ativos.

Esses times que tinha uma filosofia que ia pouquinho pra além do futebol, ou que o futebol não era o principal, digamos, o *core*, eles acabaram diminuindo, tipo o Bharbixas, tipo o Pam-pacats. E ficou esses times que são, digamos, voltado para o futebol. Óbvio que tem times que ainda faz um discurso, tipo o BeesCats, mas os campeões mesmo, tipo o Bulls, Bárbaros, Taboa, não têm essa pegada. (Ângelo, ex-ManoTauros, 2023)

Assim, alguns times com discurso de inclusão poderiam até ter sobrevivido, mas sem chances de se saírem bem nos campeonatos. Lúcio (Bharbixas, 2023) acreditava que isso fazia com que os times mais “alegres” acabassem ficando de fora.

Vários times que tinham a leveza e uma alegria de estar naquele ambiente e de agregar aquele ambiente saíram. Não fazem mais parte. Não se sentem pertencentes. Não vai ao encontro daquilo que eles acreditam. E, boa parte, isso se

deve à competitividade, né, que se tornou um nível altíssimo. Se você pegar pra ver a LiGay, assim, é um nível altíssimo de jogo. Fazendo um paralelo, um parâmetro, aí, com ligas hétero, né? Porque, de alguma forma, eu nem gosto de comparar não, porque são ligas diferentes, né? Mas, assim, se for fazer um paralelo, a gente não deve em nada tecnicamente em comparação. Então, é um nível altíssimo [ênfase em “altíssimo”], muito, muito forte mesmo, e que alguns times de *caráter mais festivo*, de participação e tal, não se sentiram representados por toda essa competitividade e saíram, né? (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Interessante que ele aponta que a saída desses times foi algo voluntário, e não devido a uma dificuldade de serem selecionados nas seletivas regionais do Champions LiGay. Essa segunda possibilidade, obviamente, pode ser a causa de muitos times com jogadores menos experientes não participarem mais do campeonato nacional. Lúcio (Bharbixas, 2023) era bastante cético em relação a essas questões, e via o cenário de forma negativa.

Eu acho que o nosso cenário ainda tá longe de ser perfeito. Tá muito [ênfase em “muito”] longe. Não é pouco [voz de riso]. Eu acho, na questão mesmo da gente abraçar a diversidade, na questão de a gente largar um pouco o lado competitivo de lado, que já foi pautas em inúmeras vezes, de brigas, de discussões que a gente já teve, inclusive no Bharbixas, de deixar um pouco a competitividade de lado, e a gente abraçar as

peessoas LGBTQs, porque elas não tiveram espaço pra performar tecnicamente, em um espaço acolhedor, esportivamente falando. Tudo que a gente já conquistou é de se louvar, assim, é um passo gigantesco. É um espaço incrível, maravilhoso que a gente conquistou. Só que já vai pra [como quem está tentando fazer as contas] cinco anos de movimento, e a gente tá andando a passos de bebê ainda. A gente começou já galopando. A gente chegou, assim, andando a cavalo, correndo e tudo. Só que agora a gente desacelerou e agora a gente tá a passos de bebê, sabe? Então, eu acho que a gente precisa rever algumas ideias, pra que a gente torne cada vez um *espaço mais acolhedor* mesmo e não se torne um espaço ocupado por LGBTQs, mas que oprimem as pessoas por não terem qualidade técnica, no caso. Então, eu acho que, quando tiver essa viradinha de chave de que o outro se sentir bem vale mais do que um troféu, aí, eu acho que a gente alcançou o nosso objetivo, nossa missão, sabe? E, pra isso acontecer, eu acho que a gente vai ter um trabalhinho árduo, aí, pra fazer acontecer, mas que eu acredito. Se eu não acreditasse, eu já tinha largado há muito tempo, né? (Lúcio, Bharbixas, 2023)

É interessante que, apesar do perfil inclusivo, o Bharbixas se saiu muito bem nas cinco primeiras edições do Champions LiGay, ficando entre os quatro melhores times em quatro delas. No entanto, como ele não participou da 6ª edição, quando esse cenário de maior competitividade se concretizou, não foi possível perceber que impactos essa filosofia do time teria trazido em relação aos resultados dele,

nesse momento. Daniel (ex-Bharbixas, 2023), que já foi presidente da LiGay, também acreditava que essa competitividade exacerbada era um problema e que era necessário repensar esse modelo.

Existe, hoje, algo que eu acho que a gente pode melhorar, que é a questão da competitividade *muito exacerbada*, né? Existe uma competição muito forte hoje e, às vezes, as pessoas *passam do ponto*. Eu vi algumas coisas na última LiGay que eu acho que precisam ser melhoradas, né, porque, senão, a gente vai acabar entrando no mesmo padrão que é o futebol normativo, futebol tradicional. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Na contramão da tendência nacional, o ManoTauros é uma equipe que se tornou mais inclusiva com o tempo. Se Ângelo (ManoTauros, 2018) afirmava que o time não era “escolinha”, Cláudio (ManoTauros, 2023), cinco anos depois, apresentava um cenário totalmente diferente.

Hoje, a minha visão com o restante do time é dar *oportunidade*, né? Há pessoas que não têm oportunidade de se descobrir no futebol [...] e a gente sempre *acolhe* as pessoas. [...] Inclusive, a gente procura sempre dar oportunidade de... até a pessoa que, às vezes, ela não tem conhecimento nenhum, ela entrar e disputar. Porque a maioria das equipes deixa a pessoa conhecer, então, mas na hora do participar mesmo, ela fica só no conhecer. (Cláudio, ManoTauros, 2023)

Portanto, naquele momento, o time se destacava em relação ao Inconfidentes Pride, que, como afirmou Eduardo (ex-ManoTauros,

2023), também estava acolhendo os novatos, mas não os escalando para os jogos. O ManoTauros também não participou da 6ª edição do Champions LiGay, mas, como discutiremos melhor a seguir, ganhou um disputado campeonato convencional de Belo Horizonte no mesmo ano.

Além de analisar as reportagens sobre o surgimento do BeesCats supracitadas, Amaral e Bueno também observam a cobertura midiática do 1º Champions LiGay. Eles acreditam que o clima das partidas de futebol LGBTQIAPN+ era, ao mesmo tempo, de competição, festa e luta contra o preconceito. Os autores descrevem como foi o evento analisado.

Sob o sol carioca, oito equipes lutavam pelo título de campeão, mas, acima de tudo, confraternizavam sob a bandeira da representatividade. Fora das quatro linhas, muita alegria e orgulho por tudo que aquela ocasião simbolizava para mais de 120 atletas. Dentro de campo, um cenário bem diferente daquele visto em campeonatos tradicionais. Antes do início das partidas, cada equipe se reunia em uma área do gramado para fotos – algumas mais sérias, focadas na disputa, outras “botando a cara no sol”⁸ e dando aquela “pinta”⁹, como sugerem gírias populares entre os LGBT+. A cada confron-

8 “Botar a cara no sol” significa afirmar publicamente sua não cisheteronormatividade, superando o medo que leva pessoas LGBTQIAPN+ a se esconderem.

9 “Dar pinta” significa fazer algo que pode levar à identificação da não cisheteronormatividade da pessoa, como agir de forma afeminada ou com “trejeitos”.

to, a cena inicial era a mesma: sorrisos no rosto, atletas de ambos os times se abraçando, desejando boa partida uns aos outros. Com a bola rolando, era raro ver divididas mais ríspidas. A lealdade e a honestidade davam o tom dos jogos, com jogadores admitindo estar errados caso a arbitragem cometesse equívocos que os favorecessem. (*ibidem*, p. 260)

A descrição dos autores nos leva a perceber que a lógica de fair play perpassou o campeonato. Para o fundador de um dos times, ouvido pelos pesquisadores, esse clima ajudaria a desconstruir a ideia do futebol como esporte agressivo. O slogan da primeira edição do Champions LiGay foi: “futebol para mano, mana e mona”. O jogo de palavras aponta para diversidade e inclusão. Enquanto o “mano” remete ao gênero masculino e o “mana” ao feminino, o “mona” remete às identidades não cisheteronormativas. No entanto, essa não foi a única percepção existente em torno do evento. Autores como Diego Jesus (2019) e Wagner Camargo (2021) apontam para leituras diferentes, com a exclusão e hostilidade contra corpos não normativos, especialmente os de pessoas trans. Camargo (2021, p. 7) compartilha o depoimento de um ex-jogador do Meninos Bons de Bola, para o qual “prevaleceu a própria cultura futebolística da masculinidade tóxica e do menosprezo ou inferiorização de adversários”.

A realização da 1ª edição do Champions LiGay chamou muito a atenção da mídia. Não só portais voltados para o público LGBTQIAPN+, como *Pheeno* e *Vipado*, fizeram cobertura, como também grandes veículos, como *Folha de S.Paulo*, *GloboEsporte.com*, *Lance*, *IG* e *O Dia Online*. Amaral e Bueno analisam a cobertura realizada

pelo *GloboEsporte.com*. A equipe vencedora do campeonato foi o Bharbixas. A cobertura do portal deu destaque ao fato de essa equipe se autoafirmar como afeminada. A partir disso, a matéria problematizou o preconceito sofrido por gays afeminados por destoarem do modelo de masculinidade exigido pelo futebol.

Lúcio, fundador do Bharbixas, deu entrevista ao site e afirmou que a vitória era uma prova de que afeminados também sabem jogar. O jogador contou sobre sua trajetória, dizendo ser alvo de comentários pejorativos de colegas heterossexuais. Amaral e Bueno (2018, p. 262) comentam também o depoimento de um membro dos BeesCats. Segundo esse entrevistado, “o *bullying* sofrido na época do colégio durante as aulas de educação física provocou um trauma que só foi curado quando ingressou no time carioca”. O fundador do BeesCats complementou esse depoimento afirmando que muitos membros do time sofriam *bullying* na hora de jogar futebol na escola, sendo escolhidos por último e ficando deslocados. Para ele, isso causou um bloqueio em relação ao esporte em muitos dos membros do time. Luiza Anjos e José Silva Júnior (2018) apontam que os jogadores do Bharbixas tinham o mesmo perfil.

Eles [membros do Bharbixas] são, em sua maioria, estudantes e trabalhadores jovens, assumidamente gays, com histórias de preconceito e *bullying* durante a infância e fase de escolarização, onde eram tolhidos dos espaços de jogo e assistência ao futebol por conta da androgenia de seus corpos e falta de retidão de suas masculinidades, indigestas e abjetas ao jogo viril, de masculinidade esquadrinhada e heterossexualidade compulsória. (*ibidem*, p. 224)

Apesar desses depoimentos, Ângelo (ManoTauros, 2018) apontava para uma realidade totalmente diferente da trazida pelos membros do Bharbixas e do BeesCats entrevistados. Segundo ele, todos os membros do ManoTauros também jogavam em “times hétero”. Ângelo (ManoTauros, 2018) também afirmou que ele e os outros membros da equipe nunca haviam sofrido preconceito no futebol por serem gays.

Tem o povo fala assim: “ah, mas é porque os gays sofrem preconceito demais...” Nunca sofri nenhum preconceito em nenhum time hétero. E eu pergunto pros outros meninos: “alguém já sofreu preconceito em algum time hétero, que é esse preconceito que o povo tá falando?” “Não.” “Não.” A gente vê preconceito na torcida, tipo: cê vai num campo de futebol, os cantos são ridículos, ou são homofóbicos, machistas e um tantão de outras coisas. Mas em times héteros, nunca sofri preconceito. E nem os meninos, pelo que eu conversei com eles. Os meninos [dos “times hétero”] trocam de roupa na minha frente, zoam, brincam. Todos sabem que eu sou gay. Todos conhecem meu namorado. Aliás, meu namorado também joga lá. Nunca tive nenhum problema em time hétero em relação a eu ser gay. Absolutamente não. Nunca, nunca, nunca. Não. No ManoTauros, todo mundo joga num time. Então, não tem isso de ‘ah, inclusão, porque eu nunca tive oportunidade...’”. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Ele contou que teve medo quando decidiu revelar que era gay pela primeira vez no “time hétero” no qual ele jogava. Mas, segundo ele, houve uma aceitação total por parte dos colegas.

Quando me aceitei gay, quando eu fui contar pro meu time, eu fiquei com pé atrás, com medo. Não tinha medo de piadinha, essas coisa não. Eu tinha medo do vestiário: “se eu entrar no vestiário, e as pessoas ficarem com vergonha de trocar roupa na minha frente, eu não sei qual vai ser minha reação”. Foi um momento meio tenso, assim, pra mim. Contar no futebol, acho que foi tão tenso quanto contar na empresa que eu trabalhava na época. E, pelo contrário, os meninos, que eram evangélicos, a maioria do time era evangélica, tipo, me abraçaram, assim, tipo, conduziram isso muito bem, sabe? Por exemplo, primeiro dia eu dei aquela titubeada, depois que eu contei pra eles. Aí, os meninos: “vão trocar de roupa, que o nosso é o próximo jogo!” Eu lembro direitinho. Como que isso foi importante, tanto é que eu lembro. Isso tem quatrocentos anos, né? Tem uns vinte anos. Aí, eu: “ah, não, vou... vou tomar uma Coca-Cola antes de ir”. Meu colega, que hoje deve ser pastor, me pegou pelo braço, falou: “vai tomar Coca-Cola não. Entra agora. Se não for hoje, vai ser só indo pra difícil”. Aí eu fui, meio constrangido. Aí, meu colega tira a roupa e fala: “tcharam! Ah-há!” De sunga, brincando. Falou assim: “ah, vim preparado!” Aí, depois que terminou o jogo, a gente

perdeu, já tava todo mundo puto¹⁰ já. Aí, o povo já trocou de roupa na minha frente, xingando um ao outro. E eu vejo isso, por exemplo, no time [“hétero”] que eu jogo hoje. Os meninos trocam de roupa na minha frente, ficam zuando o tempo inteiro. Tipo, eu percebo que não há preconceito, porque a mesma brincadeira que A faz com B, faz comigo. E acho que o povo nem lembra que eu sou gay tem hora, sabe? Cê coloca um tantão de homem junto e fecha, vira tudo criança, né? Qualquer situação. As brincadeiras são as mesmas que eu fazia com quinze anos. Como eu também sou brincalhão, brinco com eles. Então, tipo, menino tá lá trocando de roupa, aí eu pelado, sem querer, passo o pinto na cabeça dele, por exemplo. Tipo assim, se tivesse preconceito, a reação é: “ah, fulano!” É a mesma. Então, eu não consigo ver esse preconceito que o povo fala, assim, sabe? Com torcida de estádio eu vejo totalmente, acho um absurdo, mas entre jogadores, não vejo. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Ângelo (ManoTauros, 2018) me contou também de várias situações que ele considerava engraçadas ocorridas enquanto jogava em “times hétero”. Uma vez, estavam brincando de “piruzinho”¹¹, e um jogador disse que isso seria injusto, porque, naquele jogo, Ânge-

10 Diferentemente do Rio Grande do Sul, em Minas Gerais, “puto” quer dizer “muito nervoso”.

11 “Piruzinho” é o nome que se dá em Minas Gerais para o jogo que é conhecido em outras regiões do Brasil como “bobinho”.

lo levaria vantagem. Em outra ocasião, ele não estava concordando que determinado lance era de escanteio, e pediram para ele “assumir” que era. Então, ele brincou: “eu já assumi há 12 anos!” Segundo ele, todos sempre riam das brincadeiras dele, e ele também ria das brincadeiras dos outros. Ângelo (ManoTauros, 2018) se questionava se o preconceito que outros gays sofrem no futebol estaria relacionado ao fato de eles serem afeminados ou de serem “ruins de bola”. Mas ele defendia que o preconceito estaria dividido em torno desses dois fatores: a manifestação de gênero do jogador e se ele joga bem ou não. Ângelo (ManoTauros, 2018) disse acreditar que não sofreu preconceito tanto por ser considerado masculino quanto por jogar bem. Ele achava que, se não jogasse bem, teria aberto mais espaço para preconceito. No entanto, ele acreditava que, quando o jogador é afeminado, ele é mais respeitado se jogar bem. Ele defendia, portanto, que “nunca é uma coisa só”.

Na verdade, Ângelo (ManoTauros, 2018) apontava o contrário do que se poderia esperar pelo panorama mais amplo discutido até aqui. Ele me disse que conhecia muitos gays que jogavam futebol em “times hétero”, mas que não se interessavam pela ideia de jogar em times gays.

Todo campeonato [“hétero”] que eu disputo tem gays. Não assumido ou assumido. Mas a maioria não tão disposta a jogar em times gays, porque acha que a qualidade do futebol é ruim. E realmente é ruim. Ou porque não querem se expor, ou porque não querem se apegar a algum rótulo... Ou outros porque realmente não são assumidos, e, aí, complica, né? (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Essa fala dele se refere ao início do futebol LGBTQIAPN+ em Belo Horizonte, antes de o aumento no nível técnico dos times ser percebido. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) me apontou outro problema relacionado à resistência de gays participarem do futebol LGBTQIAPN+. Para ele, quanto maior a cidade, maior a liberdade para que os gays participem dos times. Por isso, seria difícil para o Alcateia (Manhuaçu) atrair jogadores. Mesmo em Belo Horizonte seria mais difícil que em São Paulo e no Rio de Janeiro, por exemplo. Isso porque, mesmo que BH seja uma capital, ela é uma cidade menor, onde muitas pessoas acabam se conhecendo. Cláudio (ManoTauros, 2023) corroborava com essa perspectiva. Ele contou que o Bharbixas foi o primeiro time que conheceu. No entanto, ele não se identificou com essa equipe: “eu vi que era muito visado, era muito holofote... eu não queria isso pra mim”. Mas, para ele, o número de jogadores em Minas tem aumentado porque “o pessoal tem se importado menos com a questão de se esconder com isso”.

Nesse sentido, Ângelo (ex-ManoTauros, 2023) ressaltou que a ideia de que não há gays jogando futebol é um mito: “eu imaginava que as pessoas, tipo do Bharbixas, imaginava que existiam poucos gays que jogavam futebol. E eu, como frequento mais futebol e jogava futebol a vida inteira, eu falei: ‘ah, meu filho, o que tem de gay jogando futebol, cê não tem noção’”. De fato, Lúcio (Bharbixas, 2023) demonstrou exatamente isso.

Erroneamente, por muito tempo, eu pensei que eu era o único [ênfase em “único”], no mundo, gay que jogava bola. Já chegou a passar isso pela minha cabeça quando era mais novo. Eu falei assim: “gente, mas não arranja ninguém gay jogando

bola?” O *gaydar*¹², naquela época, não era tão apurado como hoje, né? [risos] Então, por muito tempo, eu me senti só ali no esporte. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Além de Lúcio (Bharbixas, 2023), outro gay com muita experiência no futebol não tinha a mesma percepção que Ângelo (ManoTauros, 2018) já havia construído antes de entrar para um time LGBTQIAPN+. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) já foi jogador profissional e, mesmo depois de ter desistido da carreira, continuou por muitos anos atuando no futebol amador em Belo Horizonte. Ele contou que, antes de conhecer os times LGBTQIAPN+, em 2017, não identificava a presença de outros homens gays nesse ambiente: “eu pensava assim: ‘não é possível que só exista eu no mundo que goste de futebol. Eu sou o único gay do mundo que gosta de futebol?’ E isso ficava martelando na minha cabeça”.

Quando perguntei para Ângelo (ManoTauros, 2018) se participar do Bharbixas e do ManoTauros teve importância na sua trajetória pessoal com o futebol, ele respondeu: “nenhuma”. Ele repetiu o mesmo quando perguntei se ele achava que o ManoTauros era transformador na vida dos outros membros do time: “não, todos eles jogam em outros times”. Lembrando que isso se refere ao período inicial de formação do time. No entanto, ele relativizou um pouco a questão.

Eu acho que é transformador no sentido de... é um lugar que eles podem brincar. Ninguém esconde nos times que joga

12 A palavra “*gaydar*”, que vem de “radar gay”, é a suposta capacidade de gays identificarem se outros homens são gays ou não.

que é gay. Pelo que eu conheço, pelo pouco que eu conheço. Nenhum deles esconde que é gay. Mas, ali, eles têm mais liberdade pra brincar. Fez um gol, fazer uma coreografia, sabe? Aposto que lá [nos times “hétero”] não vai ter muito isso. O Eduardo já não faz isso em lugar nenhum. Mas eu acho que ali eles têm mais liberdade de tar entre iguais. Mas que é algo transformador, que dá uma possibilidade que eles não têm, é pura mentira, porque todos eles jogam em outros times. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Diferentemente de Ângelo, Pedro (Bharbixas, 2018) achava que, “com certeza”, o Bharbixas era transformador para os membros dele: “pra muita gente que entra no time é o primeiro contato com o futebol”. Cláudio (ManoTauros, 2023), por sua vez, relatou que só participou de competições pela primeira vez depois de entrar para o futebol LGBTQIAPN+: “eu participava por brincar e, quando eu vim pro time, eu entendi o que é competir, entendeu? Então, assim, a questão de competir, eu aprendi bastante, porque, na minha visão, era só brincar e não tinha a questão de disputa”.

Segundo Amaral e Bueno, outra bandeira do Champions LiGay destacada pelo *GloboEsporte.com* foi a iniciativa dos times de escolherem técnicas mulheres e de contratarem arbitragem feminina para o evento. Pedro (Bharbixas, 2018) comentou sobre essa ligação entre as causas LGBTQIAPN+ e de mulheres.

Ele [o futebol] é o lugar do homem hétero e “a gente não quer mais ninguém aqui dentro”. Eu acho que, inclusive, talvez

esse seja um dos motivos pelos quais quase todos os times do Brasil que vão procurar treinador, sempre fecham com uma treinadora mulher. Existem muitas mulheres no mercado do futebol que não encontram oportunidade. Quase todos os times que a gente conhece têm treinadoras, e são mulheres profissionais do mercado de futebol, de fato, e que tão muito interessadas sim em se voluntariar e treinar um time gay pra mostrar o trabalho delas. (Pedro, Bharbixas, 2018)

No entanto, em 2023, cinco anos mais tarde, segundo a presidência da LiGay, o número de treinadoras mulheres havia se tornado muito pouco expressivo. Apesar de toda a importância dessas questões em torno de representatividade, Amaral e Bueno problematizam que a cobertura dos jogos se restringia apenas a esse enfoque e não considerava seu caráter esportivo, o que implicaria em análises de questões técnicas e de desempenho das equipes. Ângelo (ManoTauros, 2018) criticou a cobertura midiática do evento: “a mídia, realmente, houve um abraço. Não na questão esportiva, na questão esportiva não houve abraço ainda. Porque, quando vão falar dos campeonatos, falam como se fosse um circo. Cê nem vê falar de futebol”. Ele comentou que recebeu uma orientação do repórter quando ganharam o campeonato: “aí, o cara orientava: ‘oh, Ângelo, a gente não tá aqui pra cobrir esporte, não é Atlético e Corinthians’. Então, a mídia tem abraçado e divulgado, mas como uma questão social e muito pouco esportiva”.

Gustavo Castro e Marcus Siqueira (2020) entrevistaram 22 jogadores de times de futebol LGBTQIAPN+ de nove capitais brasileiras, durante a 4ª edição do Champions LiGay, no primeiro semestre de 2019, em Brasília. Os autores observaram a recorrência de estratégias de uso da linguagem como forma de humor, ironia, erotismo, construção identitária e luta política. Mas a maior potencialidade identificada pelos autores é a própria criação dos nomes das equipes, que costumam brincar muito com a linguagem, trazendo diversas camadas de significação. Os brasões e mascotes dos clubes também são ricos em significados. Pedro (Bharbixas, 2018) explicou sobre o nome do seu time: “Bharbixas é B-H-A-R. Tem bar, e, aí, tem uma canequinha de chope na logo. E “bixas” porque é um monte de bicha jogando bola”. O nome do time começa com BH, que é como é conhecida a cidade de Belo Horizonte. A referência a bares no nome tem a ver com o título da cidade de capital mundial dos botecos.

Um dos entrevistados de Castro e Siqueira trouxe para a discussão dos autores a aparente contradição entre a ideia de inclusão e a ação de fazer times e um campeonato exclusivamente para pessoas LGBTQIAPN+. Esse jogador defendia que a estratégia de criar um circuito de futebol LGBTQIAPN+ servia, em um primeiro momento, para afirmação e conquista de espaço. Mas ele acreditava que a expectativa para o futuro era uma ocupação dos times convencionais, sem a necessidade de separação para obtenção de espaço. Alguns dos entrevistados projetavam que, talvez, em 10 anos, essa inclusão

poderia se realizar. Ângelo (ManoTauros, 2018) mostrava posições ambíguas quanto à legitimidade do futebol LGBTQIAPN+.

Eu falava: “olha, não é paraolimpíada. A gente não é paratleta, que a gente tem que criar uma liga com regulamento, com exclusão dos héteros”. Não é. A gente é gay, pronto. Isso não dá condição menor ou melhor à gente, então, eu não jogo mais ou menos futebol por eu ser gay. Não, não entra na minha cabeça ter um time gay, sabe? E acabei por diversão ou raiva do Bharrbixas... Mas a minha pretensão de ter um time gay era pra falar assim com meus colegas hétero... eu queria ganhar do meus amigos hétero, falar assim: “aqui, ó: a gente é gay e joga melhor que vocês”. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Ângelo (ManoTauros, 2018) acreditava que o respeito aos gays no futebol só viria quando não houvesse “guetos”, e eles jogassem com os héteros. Ele fez uma comparação com a inserção dos negros no futebol.

Os negros, quando eles eram impedidos de jogar futebol, se eles tivessem criado uma liga para eles, jogado só entre eles, o preconceito taria igual até hoje. Na luta, com preconceito, foram jogar junto com os brancos. E, aí, esse preconceito diminuiu. Não acabou, mas diminuiu. Mas pelo menos todo mundo sabe que tem negros hoje pra caramba jogando. Gays a gente sabe que tem, mas não se assumem, né? (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Mas a história dos negros com o futebol no Brasil não foi exatamente como a apontada por Ângelo (ManoTauros, 2018). Eles também jogaram, inicialmente, apenas entre si, não por terem escolhido fazer isso, mas porque eram obrigados, já que não eram aceitos entre os jogadores brancos. Posteriormente, a inclusão se deu através da profissionalização e da capacidade técnica dos jogadores negros, que passaram a ser contratados pelos times para tornar as equipes mais competitivas (Gilmar Mascarenhas, 2012). Ângelo (ManoTauros, 2018) também se esqueceu de que o armário não se aplica à raça da mesma forma que se aplica à sexualidade. De todo modo, ainda sobre o processo de guetificação, ele avaliou que o Bharbixas teria mais essa tendência.

Tem gente que adora gueto. Se deixar, o Bharbixas vai criar: “ah, não, esse campeonato é muito exclusivo, nós vamos criar o campeonato gay só de afeminados”. Eu acho que não é por aí, criando guetos, que vai melhorar essa relação, essa visão, essa harmonia... não muda a visão do gay. (Ângelo, ManoTauros, 2018)

Mas Roberto (Bharbixas, 2018) tinha uma opinião muito diferente da de Ângelo (ManoTauros, 2018) sobre a importância estratégica desse tipo de segregação.

Eu sonho com um dia que a gente só vai falar “futebol”. Mas eu sei que primeiro a gente precisa excluir pra depois incluir, né? Às vezes, a gente tem que segregar pra poder dar o grito, mostrar que a gente tá ali, pra depois incluir. E eu vi muita

gente questionando: “mas qual a necessidade de se fazer um campeonato gay? Ah, isso é ‘heterofobia’, hétero não pode participar. Ah, por que que eles não participam de campeonatos comuns?” Se não fosse ter um campeonato gay, não teria visibilidade, não teria discussão, a gente não taria falando disso. Várias pessoas não teriam se sentido confortáveis em entrar pro futebol ou em continuar no futebol. Então, eu acho que foi importantíssimo a gente ter essa segregação. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Apesar dessa lógica de segregação, um jogador disse para Castro e Siqueira que os homens hétero e as mulheres eram bem-vindos e bem-vindas como convidados e convidadas, mas não como membros e membras das equipes, porque já existem muitos espaços para a prática do futebol para homens hétero e até mesmo para mulheres, mas ainda não havia para homens gays. Percebe-se, nessa fala, que esse futebol ainda era visto, naquele momento, como “futebol gay” e não como “futebol LGBTQIAPN+”. Pedro (Bharbixas, 2018) comentou sobre a participação de heterossexuais nas peladas do Bharbixas.

A gente não tem restrição pra jogar com a gente não. Mas a gente também não sai por aí convidando não, sabe? Se a pessoa quiser vir jogar com a gente... Por exemplo, meu pai já foi jogar com a gente já uma vez. Às vezes uma pessoa quer trazer um amigo. A gente não faz nenhuma restrição, mas no nosso convite a gente não abre pra homens héteros. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Na pelada do Bharbixas da qual eu participei, um amigo hétero cis de Roberto também estava jogando. Segundo Ângelo (ManoTauros, 2018), as peladas abertas do ManoTauros também eram abertas para lésbicas e héteros. Cláudio (ManoTauros, 2023) comentou comigo sobre um boato que corria de que, talvez, a LiGay pudesse começar a se abrir também para a participação de heterossexuais: “até o ano passado, não havia permissão de héteros participar. Pode ser que, a partir desse ano, eles permitam um [ênfase em ‘um’] hétero ou convidado, assim. Me parece que isso anda na pauta. Mas, por enquanto, eu acho que ainda não”. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) torcia para que a LiGay não fosse mais necessária no futuro.

A minha maior expectativa é que não precise existir a LiGay mais, ou, se existir a LiGay, que seja só como algo de boas lembranças que a gente teve, de um período que a gente precisou lutar. Que as pessoas possam ser quem elas são e possam praticar o esporte da forma que elas querem, né? Então, que você não tenha que se reprimir, como foi o meu caso. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Em relação a disputas contra “times hétero”, um dos entrevistados de Castro e Siqueira afirmou que algumas delas ocorriam com naturalidade, mas alguns times se sentiam humilhados com a ideia de perder para um time gay e chegavam a forçar entradas mais violentas nos jogos quando viam que estavam perdendo. Os autores apontam que alguns times LGBTQIAPN+ se mantêm “no armário” fora do circuito da LiGay, ou seja, não se apresentam como times

LGBTQIAPN+ quando jogam contra “times hétero”. Inclusive, o primeiro time de futebol LGBTQIAPN+ brasileiro, o Real Centro, de São Paulo, esteve “no armário” desde a sua fundação até recentemente. Roberto (Bharbixas, 2018) acreditava que causa estranhamento, em homens hétero, gays jogando futebol.

Primeiro que é um choque pros homens hétero: “mas gay joga futebol?” Joga. Eles não aceitam porque sempre foi símbolo de masculinidade. E, aí, a maioria dos gays não jogavam por quê? Porque eles não se sentiam bem naquele meio, eram repreendidos, então, criou-se essa ideia de que gay não joga futebol. Quando eles veem gay jogando futebol: “mas gay joga futebol?” E quando joga, e vê que joga bem... E não adianta “ah, chuta forte igual homem, parece viadinho!” Não, viado também chuta forte! Viado também dá porrada, bate também. (Roberto, Bharbixas, 2018)

Ângelo (ManoTauros, 2018) me contou que o ManoTauros jogou contra um “time hétero” que perdeu e ficou “puto”¹³. Algumas pessoas acharam que tinha sido por preconceito de perder para um time gay, mas Ângelo (ManoTauros, 2018) achava que isso é ver preconceito onde não tem, e que o motivo de terem ficado com raiva é simplesmente por terem perdido. Ele contou rindo que o time marcou uma revanche, que as namoradas foram assistir, mas ele perdeu por um placar ainda mais alto.

13 “Muito nervoso”.

Como um primeiro passo importante para a superação das dinâmicas de gueto e segregação, diversos times LGBTQIAPN+ têm participado de campeonatos convencionais – ou, como eles os chamam, “campeonatos hétero” –, entre eles, o Bharbixas e o ManoTaurus. Sobre a entrada do Bharbixas em “campeonatos hétero”, Roberto (Bharbixas, 2018) comentou: “o fato deles jogarem esse campeonato municipal¹⁴ aqui já é um outro passo, e eles falaram sobre isso, que a ideia é que o Bharbixas possa disputar torneios até hoje só de héteros, uma copa, sei lá, um Corujão, uma Copa Itatiaia, quem sabe um dia”. Daniel (ex-Bharbixas, 2023) acreditava que participar de campeonatos convencionais era uma forma de “furar a bolha” e tornar o futebol LGBTQIAPN+ mais conhecido. Segundo ele, essa é uma das propostas do Inconfidentes Pride, o time que havia fundado.

Ele é um clube voltado pra competições no geral, porque a gente viu uma necessidade, por exemplo... a gente já, às vezes, era mais conhecido fora da nossa cidade do que dentro. E isso torna-se que, no mundo gay, *existe uma bolha* sempre. Existe essa vivência só de times LGBTs que só convive com times LGBTs, e acaba que essa *vivência dentro da bolha* faz com que as pessoas não percebam esses times LGBTs. Então, o Inconfidentes Pride também foi criado pra que disputasse competições, em Belo Horizonte. Competições essas que são heteronormativas, de padrão heteronormativo. Então, a gente disputou diversos campeonatos. De ser reconhecido mesmo, pra falar: “olha, tem

14 Challenge Pré Municipal, da Liga Fut7 Belo Horizonte.

gays ali, que têm capacidade de jogar futebol, têm uma boa equipe”. *Sair da bolha*. Um dos objetivos era sair dessa bolha de só futebol LGBT. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Eduardo (ex-ManoTauros, 2023) expressou a importância e a potencialidade da participação dos times de futebol LGBTQIAPN+ em campeonatos convencionais.

As “competições héteros” que jogamos foi de uma importância, para mim, muito grande, porque, quando o adversário ficava sabendo que era um time de gays, sempre tinha alguns para falar, “ih... time de viado... E viado joga futebol? Não. Então, é 3 pontos garantidos”. Só que, na hora do jogo, era outra história. Pelo ManoTauros, na minha passagem como presidente, ganhamos um torneio da UFMG. Ano passado, voltei a jogar um “campeonato hétero” na quadra do Ousadia Sport Center, série C. E, lá, foi uma das melhores experiências que tive, pois crescemos durante o campeonato e nos tornamos fortes até chegar à final contra uma forte equipe. Um jogo que não sai da minha memória. Até por tudo que aconteceu durante essa final. Um torcedor do adversário gritou para mim: “chuta nessa franguinha aí, que ela gosta de dar o cu!” Isso só me deu mais forças para fechar o gol e ainda ser eleito o melhor goleiro daquele série C. Tanto que no final falei: “a franguinha que gosta de dar o cu foi eleito a melhor goleira, beijos e aceitem” [risos] Um campeonato inesquecível. Hoje em dia, quando se fala “é um time LGBTQIA+”, não se tem mais a visão de que

será fácil, porque mostramos que nós gays somos como todos os outros. (Eduardo, ex-ManoTauros, 2023)

Daniel (ex-Bharbixas, 2023) contou que, inicialmente, houve uma resistência dos membros do Bharbixas em participarem de campeonatos convencionais, porque alguns deles tinham medo de serem agredidos. No entanto, ele acreditava que foi muito importante para o time dar esse passo.

A gente participou de alguns com muita relutância, porque as pessoas não queriam participar. Os meninos tinham muito medo de participar, de serem agredidos. E eu acho que isso foi muito bom pro Bharbixas, porque é nesse momento que existe uma evolução técnica muito grande. Existe uma escala de crescimento no nível técnico desses jogadores. E também, com isso, faz com que a gente sendo visto em campeonatos heteronormativos, tradicionais, outros jogadores que tavam ali, que jogavam em equipes tradicionais, que não sabiam que existia um time LGBT, eles começam a vir com Bharbixas também. E isso ajudou muito no crescimento do Bharbixas, principalmente no crescimento competitivo, assim como equipe, né? (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Contrariando a apreensão que alguns membros do time tinham, Lúcio (Bharbixas, 2023) contou que a equipe foi respeitada pelos adversários. Porém, o mesmo não aconteceu sempre em relação às torcidas.

Na questão de recepção, os outros times super-respeitosos, foram todos muito respeitosos com a gente, jogaram de igual pra igual. Só que aconteceram episódios fora de quadra, né? A torcida tá assistindo, faz um comentário em alto e bom som pra gente ouvir, essas coisas e tal. Então, é um espaço que a gente conversou bastante pra ver se... “e, aí, gente, a gente vai *ocupar esse espaço?*” E, aí, a gente achou super válido. A gente achou *corajoso*. E é o que a gente precisa fazer mesmo. A gente tá ali é pra dar a cara a tapa, pra fazer as coisas mudarem, né? Então, a gente foi. Tivemos várias participações. A gente participou de mais de quatro campeonatos, eu acho, se não engano, cinco, se eu não me engano. E, vira e mexe, acontecia, infelizmente, algum comentário fora de quadra, né, alguma situação desagradável. Mas *a gente respondia com o futebol*. Então, a gente jogava lá *de igual pra igual* com os times, e o pessoal: “nossa, mas os viado jogam muito, os viado jogam bem” e tal. Aí, fala: “ah, é... pois é! É pra isso mesmo que a gente tá aqui, né, pra ficar...”, sabe? Então, a gente retrucava eles, mostrando o nosso futebol, mostrando que a gente também é pertencente nesse espaço, a gente também merecedor de estar ocupando esse espaço. E não é a nossa sexualidade que define a nossa competência técnica de estar ali, né? Então, é isso que a gente tentava imprimir ali nas participações nossas no campeonato e tal. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Daniel (ex-Bharbixas, 2023) contou de um caso em especial que se destacou negativamente durante as experiências do time.

A gente teve um caso lá, onde existe uma pessoa que tava alcoolizada, que a gente teve que chamar a polícia porque, realmente, ele tava passando dos limites. Mas foi o único problema que a gente teve em relação a isso. Era um torcedor de uma outra equipe que a gente tava jogando contra e tava bem alcoolizado. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

No entanto, Lúcio (Bharbixas, 2023) destacou que os membros do time não se sentiam à vontade para se comportar de forma espontânea, como nos campeonatos LGBTQIAPN+.

A gente não se comportava do... a gente não se sentia à vontade, né? E, aí, a gente também tinha a preocupação de até que ponto eu tar naquele espaço “hostil”, eu estaria levando uma dancinha ou um jeito mais gay de ser como ofensa pro outro. O outro poderia interpretar como uma ofensa ou um jeito que tá provocando o outro, né? Então, a gente ficava na nossa e a gente ia lá jogar o nosso futebol e mostrar que a gente era único e exclusivo pra mostrar o nosso futebol. A gente não tinha aquela alegria de estar ali ocupando igual a gente tem nos campeonatos LGBTs, né? (Lúcio, Bharbixas, 2023)

A vitória em um “campeonato hétero”, em especial, é parte integrante da história que o futebol LGBTQIAPN+ tem construindo em Minas Gerais. Trata-se da série C do campeonato de *fut7* do Ousadia Sport Center, ocorrido em Belo Horizonte, em 2022. Esse é um episódio muito importante porque 4 equipes belo-horizontinas – ManoTauros, Inconfidentes Pride, Felinos e Predadores – uniram-se

para competir juntas pelo ManoTauros e levaram o troféu disputando contra 14 “times hétero”, segundo Cláudio (ManoTauros, 2023). O time ainda levou o prêmio de melhor goleiro, com a atuação de Eduardo (Figura 8).

Figura 8 – Taça de campeão do ManoTauros em “campeonato hétero”



Fonte: *Instagram/ManoTauros*

Descrição: Taça de campeonato dourada, com a figura de um jogador no topo. Na base está escrito: “Série C – CAMPEÃO”. Do lado esquerdo, está um troféu menor, de melhor goleiro. Ele tem uma base onde está escrito “GOLEIRO” e, acima dela, há a figura dourada de um goleiro fazendo uma defesa.

Essa vitória marca um processo de reconhecimento do futebol LGBTQIAPN+ por parte do circuito convencional do esporte em Belo Horizonte. Reconhecimento esse que já havia começado mes-

mo antes das conquistas dos campeonatos, à medida que os times iam mostrando competência técnica, como apontou Lúcio (Bharbixas, 2023). Com isso, Daniel (ex-Bharbixas, 2023) acreditava que os demais times passavam a ter admiração pelos times LGBTQIAPN+.

O primeiro aspecto é sempre de piada, de piadas machistas, homofóbicas. Mas, quando realmente começa... sempre quando começa o jogo... é mais admiração. Sempre fica a questão de admiração, porque as pessoas acham que o gay não tem essa capacidade, que a pessoa LGBT não tem essa capacidade técnica, por exemplo, pra jogar futebol. (Daniel, ex-Bharbixas, 2023)

Segundo Cláudio (ManoTauros, 2023), o campeonato vencido pelo ManoTauros durou cerca de 3 meses. Ele acreditava que essa união dos times havia sido boa para todos: “todo mundo saiu ganhando, porque uma visibilidade muito grande participar dessa competição. Porque acho que nenhum time LGBT foi campeão de um campeonato tão extenso, referindo-se a outros times héteros”. Ele contou que o ManoTauros já havia participado apenas de torneios bem menores: “a gente, tipo, disputou torneios, assim, de poucas equipes [ênfase em ‘poucas equipes’]. Às vezes, era quatro, cinco equipes”. Cláudio (ManoTauros, 2023) estabeleceu uma comparação entre os campeonatos LGBTQIAPN+ e os “campeonatos hétero”.

Participar de campeonato gay e de hétero tem uma diferença muito grande. Quando cê vai pra campeonato gay, pode ser pequeno, pode ser grande, tem sempre a questão de disputa,

mas é uma *questão de ego*. Quem é melhor... Então, assim, a maioria das vezes, a disputa é mais o ego de equipes, entendeu? Agora, o campeonato hétero não. As pessoas vão ali pra jogar, pra competir. Teve essa questão das pessoas desconfiar de questão de perder pra gay e tal. Sempre tinha essa conversa no vestiário. Agora, quando cê vai pra campeonato gay, as pessoas preocupam mais é com ego, com ser respeitado por ego mesmo. Tanto é que, nos campeonatos que tem... nacional, não tem uma premiação, assim, financeira, não tem nenhum retorno. Esse campeonato hétero já teve um retorno grande. Teve uma premiação financeira, ganho de prêmios, entendeu? Então, assim, há um reconhecimento maior nos campeonatos hétero. (Cláudio, ManoTauros, 2023)

A avaliação do jogador aponta para um posicionamento crítico em relação aos campeonatos LGBTQIAPN+ e para uma valorização da participação em “campeonatos hétero” ao invés disso. De fato, o ManoTauros preferiu concentrar sua participação apenas em campeonatos convencionais depois do retorno da pandemia: “esse ano, nós ficamos de fora [do Champions LiGay] porque, como a gente priorizou esse campeonato hétero, a gente liberou os jogadores pra participar de outras equipes”.

Diego Jesus (2019) defende que as competições gays são possibilidades de os atletas evidenciarem sua competência técnica, cuja descrença é o que mais afasta os gays de esportes como o futebol. Mas essas competições também servem como espaços de mobilização e articulação política. O autor fez uma análise da LiGay a par-

tir da primeira edição do campeonato organizado por ela. Para isso, ele observou matérias divulgadas na imprensa, analisou os perfis da LiGay e dos times participantes no *Facebook* e também as transmissões dos jogos realizadas por *streaming* na mesma mídia social. Analisando os jogos, ele identifica que as performances esperadas de jogadores de futebol, como agilidade e destreza, eram demonstradas pelas equipes. Wagner Camargo (2021) aponta que, da 1ª para a 3ª edição, também houve um aumento no desempenho técnico das equipes. Ele também destaca como os jogos na 5ª edição do campeonato foram acirrados, mostrando grande concentração e desempenho dos jogadores, com a arbitragem sendo rigorosa nas marcações.

No caso do futebol transmasculino, Maurício Pinto, Raphael Martins e Heloisa Almeida (2021) destacam a importância, para os jogadores, de estarem com semelhantes para se sentirem seguros. Segundo os autores e a autora, os encontros do Meninos Bons de Bola (MBB) surgiram não apenas como um espaço para jogar futebol, mas também para realizar rodas de conversa, em que compareciam também familiares e namoradas dos jogadores. Após o primeiro encontro, os demais jogadores teriam dito ao fundador da equipe que aquele havia sido “o melhor domingo” para eles. O próprio fundador também definia aquele dia como o melhor da sua vida. Do mesmo modo que o futebol LGBTQIAPN+ ajuda alguns jogadores gays a lidarem melhor com a sua sexualidade, Julian Silvestrin e Alexandre Vaz (2020) apontam que o futebol transmasculino opera como aliado na transição de jogadores trans.

No entanto, apesar da segurança que estar apenas entre semelhantes proporciona, o MBB lutou para ocupar quadras públi-

cas, enfrentando a oposição de pessoas incomodadas com a presença de seus integrantes. Além disso, a hostilidade não vem só de pessoas cis hétero. Alguns membros gays de outros times LGBTQIAPN+ costumam se referir aos jogadores do Meninos Bons de Bola no feminino em competições, demonstrando despreparo e desrespeito para lidar com a diversidade. Isso acabou ocasionando o afastamento do MBB dos campeonatos da LiGay. Eles não passaram a participar nem mesmo com a criação da chave transmasculina na última edição do evento.

FUTEBOL GAY OU FUTEBOL LGBTQIA+?

Ao invés de falar “futebol gay”, que era o termo “oficial” utilizado naquele momento, Pedro (Bharbixas, 2018) gostava de usar o termo “futebol LGBT”. Entretanto, ele atribuía essa denominação apenas ao seu time, apontando que, nos demais clubes, o que se via era futebol gay mesmo. Para Ângelo (ManoTauros, 2018), “futebol LGBT” não era um termo correto, já que os campeonatos eram só para homens. Apesar do fato de que a maior parte das pessoas que participavam dos treinos do Bharbixas eram homens gays, Pedro (Bharbixas, 2018) explicou porque preferia o termo mais inclusivo.

Hoje existe uma preocupação pra que esse perfil mude. Então, a gente se define enquanto um time de futebol LGBT. E sempre que a gente vai divulgar as peladinhos de futebol, a gente faz questão de chamar todo mundo, chamar mulheres, homens... O nosso time tinha um homem trans. Ele, inclusive, ia ir pro campeonato, mas aí mudou pra São Paulo. A gente tem essa

preocupação de tentar diversificar um pouco. Sair do padrão, não ser gay, gay, gay... Nós sempre tentamos reafirmar, toda vez que falar sobre o Bharbixas, que é um time de futebol LGBT. A gente sempre bate no LGBT. Inclusive, divergências internas mesmo, de às vezes alguém soltar um gay num *post* no *Facebook* sem querer, a gente vai lá e corrige: “não, LGBT”. Porque, por mais que nós não tenhamos a representatividade de pessoas trans jogando com a gente, de mulheres lésbicas jogando com a gente num número grande, a gente quer que essas pessoas se sintam confortáveis pra virem jogar, então o mínimo que a gente faz é usar a terminologia correta, sabe? Não vamos excluir logo de cara já na terminologia. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Para exemplificar a preocupação do time, ele falou sobre a comemoração do título do 1º Champions LiGay.

Inclusive, quando a gente ganhou o campeonato lá no Rio de Janeiro, na hora de buscar nossa bandeira, a gente fez o desfile trazendo junto com a gente a bandeira do orgulho gay, a bandeira do orgulho transexual, a bandeira do orgulho bi. Eu acho que de todos os times que tem no Brasil, nós somos os mais preocupados com relação a representatividade. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Ele contou que já haviam pensado na possibilidade de montar um time misto (com homens e mulheres), mas as regras das competições não permitiam, naquele momento, esse formato.

As competições que existem hoje, que são a LiGay e a Taça Hornet, o regulamento delas é muito específico com relação a homens gays ou bissexuais poderem participar, e quem faz o regulamento das competições não somos nós. Então, assim, a gente não consegue mudar isso. Existe o interesse inclusive da gente criar um campeonato, a gente organizar ele aqui, que seja uma coisa aberta, seja misto. Mas no modelo que existe hoje, as competições das quais a gente participa não abrem pra outro modelo. Mas, nas nossas peladas, a gente tem treinos abertos, que são peladinhos mesmo, e é aberto pra todo mundo. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Pedro (Bharbixas, 2018) comentou sobre esse tipo de regulamento: “o esporte tem muito disso, né? [separação entre masculino e feminino] Eu, pelo menos, não conheço um esporte que, nas categorias profissionais, seja misto”. Nas últimas edições das Olimpíadas, temos visto algumas poucas competições mistas, mas não no campo do futebol. A divisão por gênero relaciona-se ao pressuposto de dar igualdade de oportunidades para as competidoras e competidores. No entanto, essa lógica acaba sendo excludente a corpos trans, que ficam à margem dessa separação binária e têm frequentemente o acesso à categoria relacionada ao gênero com que se identificam barrada. A crença por trás dela seria a de que as mulheres trans levariam vantagem em relação às cis devido à maior exposição de seus corpos à testosterona.

No entanto, essa lógica não apenas descarta a variedade dos corpos trans, mas também não reconhece a variação dos próprios corpos cis. Quando aceitos nas práticas esportivas, esses corpos passam

por intenso controle dos níveis hormonais para provar que eles se encontram em um grau de “normalidade”. Esse processo também se estende para pessoas intersexuais. Esse impedimento da participação trans no esporte se dá muito mais em relação a mulheres trans. É que, de forma contrária, acredita-se que, por não terem sido submetidos a um alto grau de testosterona antes da transição, os homens trans acabariam se tornando “mais fracos” do que os homens cis. Como nos lembram Julian Silvestrin e Alexandre Vaz (2020), os corpos de homens trans podem, ainda, ter que enfrentar desafios adicionais durante a prática esportiva, como o uso de fitas ou faixas (*binders*) para comprimir os seios, que pode acabar limitando movimentos. Os autores nos lembram de que a transição de gênero não é definida por procedimentos cirúrgicos ou tratamentos hormonais. Nos times transmasculinos, há corpos diversos, mastectomizados ou não, hormonizados ou não etc. É possível que a solicitação dos times transmasculinos para jogarem em uma chave separada também passe por essas questões, além da discriminação que já sofreram nos campeonatos e, obviamente, a questão identitária. Na verdade, é preciso apontar que os homens trans têm sua trajetória no futebol dificultada desde a infância. Primeiro pela prática desse esporte ser negada a “meninas”. Depois, por não se encaixarem mais em times de mulheres após iniciarem a transição.

Pedro (Bharbixas, 2018) também lembrou da questão da invisibilização dos homens bissexuais no futebol LGBTQIAPN+: “a questão da visibilidade bissexual é uma coisa levantada várias vezes, porque existem homens bis que jogam com a gente. E, assim: a gente sempre traz a questão da visibilidade bissexual. Tipo: ‘ah, ô, lembra que

eles existem’. Nós não estamos só entre gays aqui”. Dos jogadores entrevistados neste trabalho, apenas Roberto (Bharbixas, 2018) se apresentava como bissexual.

Distanciando-se dessas discussões identitárias, Roberto (Bharbixas, 2018) acreditava que o termo ideal seria “futebol inclusivo”, porque a luta por inclusão não seria apenas dos gays, nem apenas das pessoas LGBTQIAPN+, mas também das mulheres. No entanto, ele esperava outra coisa do futuro: “eu sonho com um dia que a gente vai se chamar só de ‘futebol’ e a gente vai ter todos os times disputando independente de orientação sexual. Igual o Bharbixas tá disputando um campeonato municipal em Belo Horizonte majoritariamente hétero. É o único time gay do campeonato”.

Analisando o 1º Champions LiGay, Diego Jesus (2019) destaca que, na torcida, havia homens e mulheres cisgênero, a maioria delas não heterossexual, mas também pessoas trans, travestis e *drag queens*. Essas últimas, inclusive, comandavam a narração dos jogos. A torcida portava bandeiras do arco-íris. Mas o autor aponta como esses times visavam a inclusão apenas de homens gays.

No entanto, lésbicas, bissexuais, transgêneros, travestis e *drag queens* não se mostram igualmente representados na composição de times – dos quais frequentemente são ausentes – ou mesmo nas torcidas. Alguns poucos desses outros LGBTs parecem estar muitas vezes relegados a posições marginais ou auxiliares na realização do campeonato da LiGay ou servir como “mascotes” das agremiações. (*ibidem*, p. 339)

O termo “mascote”, usado por Jesus, soa-me um tanto ofensivo. O time do Bharbixas, por exemplo, era sempre acompanhado

por uma drag queen. Apesar de não ser uma jogadora, ela era tratada como parte integrante da equipe. O termo “mascote” relega pessoas como essa a uma categoria subalterna, quando, na verdade, elas também têm um papel muito importante e ativo dentro do futebol LGBTQIAPN+ enquanto manifestação cultural. De todo modo, além da falta de representatividade dentro da sigla LGBTQIAPN+, Jesus observa que havia questões de raça e classe importantes que perpassavam o campeonato. A análise do autor evidencia que, mesmo quando a manifestação de gênero tradicionalmente ligada ao masculino era subvertida, ainda assim, diversos elementos ligados à masculinidade hegemônica ainda se mantinham. É o caso da cis-generidade, da branquitude, do privilégio socioeconômico e também da estética corporal, jovem e máscula. Vimos anteriormente como alguns desses marcadores se aplicam ao Bhambixas. Wagner Camargo (2021, p. 5) também ressalta que o 1º Champions LiGay “foi marcado pelo estereótipo do ‘macho’ brasileiro futebolista, com características vinculadas a uma ‘masculinidade hegemônica’, na qual predomina a disciplina, o domínio de si, a força e a virilidade”.

No entanto, mesmo tratando-se de um grupo de homens cis-gêneros majoritariamente brancos, esses privilégios não impediam que essas pessoas sofressem preconceito. Por isso, era difícil, por exemplo, conseguirem patrocínio para os times. Isso fazia com que, na maioria das vezes, as despesas com uniforme, viagens etc. tivessem que vir dos próprios jogadores. Essa situação acabava sendo mais um dos motivos para que esses times fossem compostos apenas por homens de classe média e alta, excluindo pessoas de baixa renda

dessa configuração. Para Jesus, todo esse modelo acaba mantendo a lógica de hegemonia de homens sobre mulheres e outros homens.

Apesar desses posicionamentos céticos sobre a LiGay, Camargo aponta que mudanças positivas ocorreram desde a 1ª edição do Champions LiGay. O autor realizou uma etnografia na 1ª, na 3ª e na 5ª edições do campeonato. Segundo ele, com o passar das edições, começaram a participar mais pessoas trans e não brancas. Apesar de mais pessoas trans terem aumentado sua presença nas edições seguintes da LiGay, parte delas também foi criando circuitos paralelos de competição. Na 6ª edição do campeonato, passou a haver uma disputa paralela apenas para times transmasculinos, abrindo um espaço muito mais significativo para esses sujeitos na LiGay, apesar de gerar uma segregação interna entre os competidores. Mesmo antes de a LiGay fazer a transição do “futebol gay” para o “futebol LGBTQIA+” – termo que passou a ser usado oficialmente –, Camargo (2021, p. 11) enxergou que isso estava para acontecer ao etnografar a 5ª edição do campeonato: “arrisco dizer que do futebol gay houve um *shift* (mudança), que ainda está em processo, para um futebol LGBT, pluralizando as vozes e mesmo ampliando a representatividade das expressões de gênero”.

No entanto, esse é um processo que ainda está longe de se concretizar, principalmente devido à ausência de mulheres na competição. Lúcio (Bharbixas, 2023) participa do Champions LiGay desde a primeira edição e preocupa-se com a diversidade no campeonato. Ele é o fundador do Bharbixas, time que sempre defendeu a ideia de um futebol “LGBT” e a participação feminina nas equipes. No entanto,

até ele tinha dificuldade de saber lidar com o formato da liga, mesmo no momento em que ela já se definia como de “futebol LGBTQIA+”.

Eu joguei a LiGay agora... Como a gente tá sem time, né, masculino pra jogar... an... é... eu não sei nem como que eu classifico... não é um time única e exclusivamente masculino, né, é um time que joga na... na liga LGBT, né? Então, a gente tá sem esse time por enquanto. Então, eu joguei pelo Felinos, a LiGay e tudo. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Lúcio (Bharbixas, 2023) me relatou ter registrado, até aquele momento, a participação de apenas duas pessoas do gênero feminino nas edições nacionais do campeonato fora da chave específica para mulheres ocorrida na 5ª edição. Uma delas é membra do Bharbixas e, segundo Lúcio (Bharbixas, 2023), é trans e lésbica. A outra seria uma ex-membra do Natus (SP) e, naquele momento, membra do Real Centro (SP). No entanto, por um levantamento que fiz posteriormente, essa segunda pessoa não se definia como mulher. Isso pôde ser constatado a partir de uma consulta ao perfil do *Facebook* dela. Essa jogadora tem aparência e nome feminino, e também é tratada no feminino. Por isso, a manifestação de gênero dela pode levar a um entendimento equivocado sobre a sua identidade de gênero, como ocorreu com Lúcio (Bharbixas, 2023). No entanto, ela se definia como “gay” e como “viado”. Nesse caso, a membra do Bharbixas era, de fato, a única mulher cuja participação nas edições nacionais da LiGay pôde ser identificada naquele momento.

Essa jogadora começou a participar do campeonato a partir da 3ª edição, quando os times ainda eram chamados de “gays”, e o regu-

lamento previa explicitamente a participação apenas de homens gays e bissexuais. Segundo Lúcio (Bharbixas, 2023), apesar do regulamento restrito, não houve nenhuma repreensão ao time por ter levado uma jogadora mulher para o campeonato. Com a participação dessa membra do Bharbixas, Lúcio (Bharbixas, 2023) se orgulhava de o seu time ter sido responsável pela concretização da sigla “LGBT” no campeonato – já que, segundo ele, ela é trans e lésbica. Na 6^a edição do Champions LiGay, os times passaram a ser chamados de “LGBTQIA+” e a possibilidade de participação de qualquer pessoa não cisheteronormativa se tornou institucionalizada. Mas a participação feminina não aumentou. Apenas essa mesma jogadora esteve presente novamente, dessa vez jogando pelo Felinos (MG), pois o Bharbixas não participou da edição. Segundo a presidência da LiGay, apenas três times tiveram técnicas mulheres no 6^o Champions LiGay, um número baixo em relação à tendência dos times de escolherem mulheres para essa função no início dos torneios.

Pedro (Bharbixas, 2018) acreditava que o cenário do futebol para lésbicas, dentro do futebol de mulheres, é muito diferente do cenário que os gays têm no futebol de homens.

Eu acho que o futebol lésbico, por exemplo, sempre existiu. É muito fácil cê encontrar uma mulher lésbica que tenha a turminha de pelada dela, e que vai jogar, e que a maioria das mulheres que jogam junto com ela são mulheres lésbicas. Por mais que tenham muitas mulheres héteros jogando também. Tipo assim, o espaço da mulher lésbica no futebol é ridiculamente minúsculo, mas, se comparado ao futebol gay, ele já existe, pelo menos. (Pedro, Bharbixas, 2018)

De fato, Carmen Rial (2021) afirma que mulheres lésbicas, juntamente com negras e pobres, estiveram entre as que mais atuaram no ressurgimento do futebol de mulheres após a prática do esporte se tornar legal novamente, em 1979. Para Pedro (Bharbixas, 2018), por causa disso, o futebol LGBTQIAPN+ não faria o mesmo sentido para lésbicas que faz para gays.

Inclusive, tem até uma dificuldade que a gente tem, por exemplo, que a gente queria chamar as nossas amigas lésbicas pra jogar com a gente. E, aí, a preocupação do homem gay no futebol é que ele não tem espaço, né? Não é um lugar nosso. A gente não deveria tar ali. A questão das lésbicas é um pouco diferente. É tipo assim: toda mulher que joga futebol é pressupostamente lésbica, sabe? Então, tem um estereótipo diferente. As mulheres que jogam futebol, tanto as que são lésbicas quanto as que não são lésbicas, lutam é pra falar assim: “olha, futebol não é coisa de lésbica, futebol é coisa de quem quiser jogar”. E, aí, tem essa certa dificuldade. A gente tinha pensado até em montar um time de futebol lésbico, chamar elas pra montar um time pra participar de competições também. Só que é muito difícil cê montar um time lésbico por essa questão que eu falei. (Pedro, Bharbixas, 2018)

Por mais que Pedro (Bharbixas, 2018) e Ângelo (ManoTauros, 2018) discordassem na maioria dos pontos sobre os quais conversamos, nesse, em específico, eles tinham a mesma interpretação.

Jogar futebol, pra homem, é falar: “olha, eu sou gay e jogo futebol” É um orgulho, né? Pras lésbicas não seria. No geral [ênfase

em “no”], as lésbicas não montariam um time lésbico de futebol. Porque esvai exatamente o estereótipo que elas querem combater. Enquanto nós gays tamo querendo combater que: “olha, gay joga futebol sim”. Tanto é que temos um time gay, né? As lésbicas vão ao contrário, ela fala: “olha, não é porque eu jogo futebol que eu sou lésbica”. Então o estereótipo dela é o contrário. Acho que elas não se enquadraria nesse perfil de ter um time exclusivamente lésbico pra jogar. Pra mim, é um time gay, porque qualquer outra dessas siglas não se encaixaria, né? (Ângelo, ManoTauros, 2018)

É importante destacar que essas são opiniões de homens sobre mulheres lésbicas, tentando refletir sobre o interesse ou não delas pelos times LGBTQIAPN+. Seria necessário um estudo sobre a perspectiva delas para saber se, de fato, essas visões correspondem ou não às delas. De todo modo, acontece que ambos os times viriam a ter equipes femininas de futebol. Eu acompanhei o primeiro treino da equipe do Bhargixas, ocorrido alguns meses depois da minha conversa com Pedro (Bhargixas, 2018). O espaço em que estávamos contava com duas quadras, uma menor, em que ocorreu o treino feminino, e outra maior, em que ocorreria o treino masculino. A da equipe feminina me pareceu inferior. Era em um local mais escondido, aparentemente abaixo do nível da outra quadra, e escuro. Havia 12 jogadoras. O que mais chamou minha atenção no treino feminino foi que ele foi completamente conduzido por membros do time masculino do Bhargixas. Foram eles que organizaram o treino, que

conduziram o aquecimento, que abriram a primeira partida, que comandaram o encerramento e tiraram a foto final (Figura 9). Pareceu-me uma relação paternalista. Fiquei pensando até que ponto cabia um time feminino num clube formado, na prática, para que homens gays jogassem futebol. O time era aberto para mulheres de qualquer sexualidade. Entretanto, uma membra da equipe me disse, alguns meses depois, que apenas ela e uma amiga eram cis e heterossexuais, e todas as demais jogadoras eram LGBTQIAPN+. De todo modo, pude perceber um grande incentivo aos times femininos. O primeiro treino do time do Bharbixas que eu presenciei contou com bastante torcida. Na 5ª edição do Champions LiGay, também havia muita torcida pelos times femininos.

Figura 9 – Registro do primeiro treino do time feminino do Bharbixas



Fonte: produzida pelo autore

Descrição: Um grupo de jogadoras posa para uma foto em uma quadra com piso de madeira. Elas estão de costas. Quase todas parecem ser jovens, mas a que está mais à direita aparenta ser mais velha que as demais, tendo cabelo grisalho. À frente delas, quem tira a foto são alguns membros do time masculino do Bharbixas.

Em julho de 2023, havia dois times exclusivamente femininos filiados à LiGay, o Joga Miga e o Vila Mogi. O Joga Miga surgiu em São Paulo, em 2015. O Vila Mogi foi criado em 2021, também em São Paulo. Nenhuma das duas equipes se definia como exclusivamente LGBTQIAPN+. Apesar de outros times filiados à LiGay também terem equipes femininas, eles eram listados apenas como “masculinos” no site da LiGay (LiGay, 2023). Como vimos no caso do Bharbixas, bem como na chave feminina da 5ª edição do Champions LiGay, não necessariamente os times “femininos” são compostos apenas por pessoas LGBTQIAPN+. Nesse sentido, talvez faça mais sentido a existência de times femininos abertos à diversidade sexual e de gênero do que exclusivamente “lésbicos” no espaço do futebol LGBTQIAPN+.

De toda forma, somando-se a quase ausência de participação feminina no Champions LiGay ao fato de que a participação transmasculina passou a se dar de forma totalmente separada, os demais times “LGBTQIA+”, na prática, continuaram sendo tão “gays” quanto antes. Um esforço de inclusão oficial foi iniciado a fim de abrir mais espaço para a pluralidade, mas ele ainda era, em grande parte, apenas discursivo. Nesse aspecto, a LiGay como um todo me remete ao próprio perfil do Bharbixas, no que diz respeito a classe: o time está aberto, incentiva, mas não aparecem pessoas de periferia e, quando aparecem, não ficam. Parece-me que o que faz com que isso

aconteça é o fato de que, apesar do discurso de inclusão, outros sujeitos podem não estar se sentindo à vontade nesses espaços porque tais espaços podem não estar dizendo sobre eles. Não adianta dizer que está aberto, é preciso fazer as mudanças internas necessárias para acolher. Nesse aspecto, talvez a LiGay – e o Bharbixas – ainda tenham um caminho difícil a percorrer. No entanto, é possível que muitos times não tenham interesse em incentivar a presença de mulheres e pessoas trans nas equipes por considerarem que elas os tornariam menos competitivos.

A OCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS

Em junho de 2018, o Bharbixas comemorou seu aniversário de 1 ano no Mineirão. Lúcio (Bharbixas, 2023) explicou como surgiu o convite para a realização do evento, que veio depois da vitória do time no 1º Champions LiGay, bem como de que maneira ele foi planejado.

O Mineirão entrou em contato com a gente. Todo ano, eles fazem alguma ação ali do mês do orgulho LGBT. Então, eles entraram em contato com a gente. A gente tava nesse boom midiático, né, do campeonato e tudo. E, aí, a gente sugeriu, então, de fazer uma partida de futebol entre a gente e os outros times que seriam convidados. A gente convidou vários times que puderam vir, né, porque, às vezes, é muito distante e fica custoso a questão de passagens aéreas, que a gente sabe que não é barato, estadia e tudo. Mas as pessoas dos outros times que conseguiram vir, a gente fez, então, um grupão, aí, dos outros

times, e jogamos, fizemos a partida do Bhargbixas contra essa seleção. Outra seleção que aconteceu de jogadores. Não diria seleção, né, porque ninguém foi [voz de riso] selecionado. A gente só convidou todo mundo. (Lúcio, Bhargbixas, 2023)

Em trabalho anterior (Vanrochris Vieira, 2021a), discuti sobre os significados desse evento do ponto de vista da ocupação da cidade, que também abordarei a seguir. Eu acompanhei o evento junto com o Ângelo, membro do ManoTauros. Ângelo não jogou, porque houve um sorteio para definir um número específico de jogadores do ManoTauros que participariam da partida. Mas, para ele, o futebol era a última preocupação nesse evento. Ele comparou o aniversário do time com a divulgação da última edição da Taça Hornet, em que a festa teria sido muito mais destacada do que o próprio campeonato.

Figura 10 – Entrada do Mineirão no dia do aniversário do Bhargbixas



Fonte: produzida pela autora

Descrição: Entrada do Mineirão enfeitada com balões nas cores da bandeira LGBTQIAPN+.

Figura 11 – Jogo comemorativo acontecendo por trás do palco



Fonte: produzida pela autora

Descrição: Vista do jogo acontecendo ao fundo. Porém, entre o fotógrafo e o campo, encontra-se um palco para o show que ocorreria mais tarde.

Nesse evento de aniversário do Bharrbixas, “vários elementos apontam para uma apropriação específica, criativa e transformadora do Mineirão, que se destacava justamente pelo seu caráter de exceção, de fuga à regra” (*ibidem*, p. 132). Foram colocados, na entrada do estádio, balões nas cores do arco-íris (Figura 10). Havia um palco voltado para a arquibancada, na lateral do campo, tocando

músicas *pop* e funk, como Anitta e Pabllo Vittar (Figura 11). Apenas um setor da arquibancada estava fechado para o evento, mas, ainda assim, aparentava estar bastante vazio. Havia dois telões, um de cada lado do estádio, passando a marca do BhARBixas e dos patrocinadores. Chegamos alguns minutos antes de o jogo começar, e os times estavam fazendo aquecimentos treinando toques de bola. Logo em seguida, eles começaram a partida. Como explicou Lúcio (BhARBixas, 2023), o jogo era do BhARBixas versus um time composto por membros de diversas equipes do país convidadas, referenciado como “seleção da LiGay”. O BhARBixas estreou um uniforme novo no evento e mandou produzir um uniforme para os visitantes.

Boa parte da torcida estava envolvida no jogo e gritava contra e a favor dos lances. Um rapaz disse para os colegas: “aproveita que é hora de vocês gritarem no Mineirão igual bicha”. Alguns jogadores dançavam e cantavam as músicas que estavam tocando enquanto o jogo acontecia. Houve uma apresentação de um time de *cheerleaders* no intervalo da partida. O segundo tempo terminou empatado em 1 a 1, e houve prorrogação, com 1 gol a favor do BhARBixas desempatando o placar.

Depois do jogo, a arquibancada foi aberta para que os torcedores descessem para o entorno do palco. Havia música alta e um local vendendo cerveja, e o enquadramento do evento passou a ser de festa (Figura 12). A partir daí, o espaço foi enchendo cada vez mais, pois muitas pessoas não haviam chegado mais cedo para ver o jogo, e foram apenas para essa parte do evento. Esse fato evidencia um interesse maior de parte do público na festa do que no futebol pro-

priamente dito. A maioria dançava e cantava as músicas que estavam tocando. Havia casais se beijando e andando de mãos dadas. Fiquei no local até o início do primeiro show. No momento em que eu deixava a lateral do campo, o cantor, que é negro, puxava: “as gay, as bi, as trans, as sapatão, tá tudo com as preta ocupando o Mineirão”. Mas a ocupação não foi completamente democrática, já que o evento não foi aberto: houve venda de ingressos. Esse caráter mercadológico se reflete na relativamente baixa ocupação do estádio – especialmente durante o jogo – em relação à capacidade do local. Ao anoitecer, o Mineirão foi iluminado com as cores do arco-íris.

Figura 12 – Primeiro show começando no Mineirão



Fonte: produzida pelo autor

Descrição: Artistas se apresentando em um palco com bastante fumaça. Muita gente no gramado do Mineirão, próximo à arquibancada, onde o palco estava posicionado.

É impossível não identificar a importância histórica que esse evento teve em relação ao futebol e à diversidade sexual no país. Pela primeira vez, um estádio que sediou a Copa do Mundo foi ocupado por jogadores gays e também por um público LGBTQIAPN+, que puderam expressar sua sexualidade de forma livre nesse espaço. Porém, um dos pontos a se levar em consideração é que os estádios, assim como o Mineirão, isolam o seu público do resto da cidade, criando uma redoma que protege e proporciona um mundo paralelo. Os grandes estádios são, geralmente, território “proibido” para esse grupo. No entanto, ao ocupá-lo, ele o faz com a proteção de tê-lo exclusivamente para si, longe dos olhos de julgamento e violência do restante das pessoas. A venda de ingressos, que deveriam ser adquiridos previamente, pela internet, fez com que o evento tivesse uma configuração mais mercadológica do que democrática. Isso torna o evento mais para consumidores do que para cidadãos, limitando as possibilidades de experiências identitárias para aqueles que têm condições financeiras para ter acesso a elas.

Conversando com Ângelo, um dos organizadores da LiGay disse que tentaria realizar um evento como aquele no Maracanã ou no Engenhão, levando o aniversário do Bhabixas no Mineirão como *case* para apresentar a proposta. Ele disse que o governo Crivella dava apoio ao time do qual participava, o BeesCats. Disse também

que o evento daquele dia havia sido muito importante para a integração dos times do país, porque os “cabeças” dos times estavam lá e iriam repassar a experiência para os demais. Ele falou, ainda, que estava planejando uma competição entre uma seleção gay brasileira e uma argentina, que se chamaria Taça Hermanito.

Acompanhei também a 5ª edição do Champions LiGay, ocorrida em Belo Horizonte, em novembro de 2019. Havia quatro campos no local, onde ocorreram jogos simultâneos. Sobre os campos, havia uma grande bandeira do arco-íris pendurada. Havia também um espaço no local para venda de alimentos. A quantidade de pessoas do BhARBixas presentes era maior do que a de quaisquer outros times, já que ele era a equipe anfitriã. Em determinado momento, começou a chover muito forte. Mas, apesar da chuva, os jogos que já haviam começado continuaram. Aconteceram também alguns jogos femininos, que contaram com bastante torcida. Como discutimos anteriormente, uma mulher trans jogava no time “masculino” do BhARBixas, evidenciando o esforço dessa equipe para subverter as regras do campeonato, quando ele ainda era considerado de “futebol gay”. Cláudio (ManoTauros, 2023) destacou a importância que esse evento teve para o futebol LGBTQIAPN+ mineiro.

Foi muito bacana. Bastante agregador, porque, às vezes, a gente vai pra fora, igual foi em São Paulo, então, assim, tem sempre aquele desgaste com viagem, com hotel, e você tendo aqui é mais fácil cê participar, cê comparecer. Então, assim, pra Belo Horizonte, foi muito bom porque aumentou bastante os jogadores nas equipes, entendeu? Sempre tem

uma visibilidade maior porque tem uma divulgação maior. Agora, quando é fora, sempre a divulgação é menor, né? (Cláudio, ManoTauros, 2023)

Wagner Camargo (2021) também etnografou esse evento. O autor dá destaque para os problemas de estrutura e organização que prejudicaram o bom andamento da competição. Segundo ele, houve reclamações relacionadas ao local do evento – que era afastado do centro comercial – e à estrutura disponibilizada: “carecia de infraestrutura adequada, tanto para os jogos (a grama sintética estava mal colocada e havia barro por todos os lados), quanto os banheiros e vestiários não tinham portas, poucos possuíam chuveiros quentes e papel higiênico era artigo raro” (*ibidem*, p. 8). No entanto, o autor destaca que a insatisfação era maior por parte dos dirigentes dos clubes do que dos demais jogadores, já que nenhum deles havia reclamado com o autor da má condição da estrutura nas interações estabelecidas com eles.

Eu notei a água saindo por debaixo da grama sintética externa à quadra e acumulada no gramado do estacionamento. Também tive dificuldades para almoçar, o que foi a única coisa que realmente me incomodou. Havia *food trucks* e uma venda local, mas estavam bastante cheios e desorganizados. No entanto, em relação a todo o resto, eu registrei no diário de campo que havia achado o evento organizado. Acredito que, naquele momento, o meu critério de avaliação tivesse sido mais a estrutura para os jogos e o funcionamento deles. Lúcio (Bharbixas, 2023) assumiu os problemas com a estrutura do evento e justificou porque eles aconteceram.

A gente conseguiu entregar um campeonato, tecnicamente, assim, maravilhoso. Na questão do esporte e do futebol, a gente conseguiu entregar um campeonato muito bem estruturado, que a gente se orgulhou muito de ter feito. Nas questões de estruturas, houve umas quebras de contrato que não foram legais, né? Em questão de estrutura do espaço e tudo. E, aí, meio que jogou pra um três e meio, aí, de dez, o que a gente esperava do todo espaço do complexo, ali, das quadras. Mas, assim, na questão de receber os outros times, na questão de a gente fazer a nossa festa, de imprimir esse espírito nosso do time com o campeonato... Foi uma experiência, assim, maravilhosa. Eu gostaria de poder voltar atrás e fazer uns ajustes, aí, pra que tudo acontecesse da melhor forma possível. Mas, infelizmente, não foi mil flores não. Mas a gente ficou bem feliz pela união das pessoas do nosso time pra gente fazer a entrega desse campeonato, que é bem, bem, bem difícil, bem custosa. Mas valeu bastante a pena. (Lúcio, Bharbixas, 2023)

Se houve problemas com as quadras, Daniel (ex-Bharbixas, 2023) destacou que a festa de encerramento dessa edição do campeonato foi um sucesso: “todo mundo fala que foi a melhor festa que teve até hoje. Porque sempre tem uma festa, né, de confraternização, depois das competições. Todo mundo fala que foi a melhor festa. E as pessoas saindo de lá [voz de riso] 7 horas da manhã. Foi muito bom”.

Eu entrevistei, nessa ocasião, representantes de todos os times LGBTQIAPN+ presentes no campeonato, com exceção dos próprios Bharbixas e ManoTauros. Os entrevistados foram selecionados por

meio da indicação de outros jogadores com quem eu entrava em contato e perguntava qual seria a pessoa mais adequada para falar pelo time. Além dos 23 times que estavam competindo, entrevistei também um representante de outro time que não estava na disputa, mas havia ido para assistir. O entrevistado mais novo tinha 21 anos, e o mais velho tinha 53 anos. A média de idade era de 33 anos. Comparativamente, Ângelo (ManoTauros, 2018) me afirmou que os jogadores do seu time tinham entre 20 e 35 anos, aproximadamente. Já Pedro (Bharbixas, 2018) me afirmou que a idade dos jogadores do seu time variava aproximadamente entre 18 e 40 anos. Ao serem perguntados sobre suas trajetórias pessoais com o futebol, dos 24 entrevistados, 5 (21%) disseram espontaneamente que já jogavam em “times hétero” antes de entrarem para times LGBTQIAPN+, 5 (21%) disseram espontaneamente que já haviam sofrido preconceito na prática do futebol por serem gays, e 2 (8%) disseram espontaneamente que jogaram futebol pela primeira vez no time gay do qual participavam.